



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## Maria Velho da Costa: Corpo Verde (capa)

Para citar este documento / To cite this document:

"Maria Velho da Costa: Corpo Verde (capa)", *Colóquio/Letras*, n.º 161/162, Jul. 2002, p. 138.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

sentimentalidade com a perda cômica da virgindade e escapa a «Eça», ao tempo e a tudo. Escreve, dir-se-ia, para o «jejum eterno dos justos»:

«Era a sentimentalidade o que eu perdera e, assim, a capacidade de exasperar-me. Como não havia de empobrecer o meu trato com Sara? Eu já não esperava ninguém e isso era júbilo. Quando tal lhe acontecesse a ela, seria a perdição. E não é de mim, este conto. Nenhum conto é de mim, que vou esquecendo miríades de personagens que não amo, trigo e joio da jornada do meu espírito para o jejum eterno dos justos.» (*Missa in Albis*, p. 181.)

Faço ainda notar o paradoxo. A defesa da tradição orgânica com que lidam sibilas passa-se em romances «descosidos».

«Agustina», e não longe do conservadorismo da Agustina real, parece ser quem — e pelo avesso — refunda «Eça» em «concretas» ideias de razão, quando, para *Jung girls aFreud* (*ibid.*, p. 175), nem «mães» nem «romance» podem propor uma «boa sociedade», ou seja, um estrato representativo o suficiente para daí se perspectivar a



integração de indivíduos em todos sociopolíticos de coesão expressiva; ou para fazer com que «as esferas de experiência acessíveis em interacção» forneçam um saber socialmente necessário. «Os campos de interacção agregáveis» não alcançam nem abrangem «o sistema de comunicação societal» (Luhmann, 1995, p. 430). Nenhum romance (nem o romance «Sara») pode pretender mais do que «apreender alguns fenómenos sociais» e (ajudar a) «re-introduzi-los na comunicação societal» (*ibid.*, p. 431) — esforço sintomático da diferença moderna entre interacção e sociedade (e entre intenção e ocorrência, ideia e evento ou arte e vida, a que faltam «parentesco»), que é um dos temas de *O Homem sem Qualidades*, aí transparecendo nos motivos da probabilidade que substitui a necessidade das coesões. Nem sequer via algum avatar das estéticas empíricas (conversação, maneiras, simpatia, assemelhamentos socio-nacionais), o domínio das interacções, que já produziu «liberalismo», coincide com a sociedade, e vem a reconhecer os seus análogos no romance — e por muito que este romance possa dotar a confusão que lhe vem por lei de uma formalização litúrgica. Esta mais não seria do que uma organização global que, *na forma que se dá em reflexos de si*, poderia transferir algo como uma consciência de classe para algo como uma «consciência situacional» onde a história individual narrada se entrecruzaria com «a laboriosa narrativa da própria colectividade» (cf. Jameson, 1986, p. 69 ss.) no caso pensada como perdas. Mas deve considerar-se que a consciência que se obtém por «perdas» é como o «todo» que se alcança pela «parte»: o perfeito é idealizado como tal porque «perdido» (alguma transparência interaccional primeira, ou ao menos um bom arranjo conceptual, referencialmente adequado), o opressivo é completo porque resistido (e é opressivo), da relação com o mundo é o romance o *emblema* — e, enfim, todos os portugueses são parentes (e logo a arte é algo à vida), porque *cunbadas são unbadas*, como se nega em *Missa in Albis* e em *Madame* se afirma.